

## REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E SALÁRIOS: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SALÁRIOS NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DE FRANCA E NA REGIÃO ADMINISTRATIVA

*ECONOMIC RESTRUCTURING AND WAGES: A COMPARATIVE STUDY OF WAGES IN FRANCA PROCESSING INDUSTRY AND ADMINISTRATIVE REGION*

**Hélio BRAGA FILHO**

Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca  
hpg@com4.com.br

**Jonatan POUSA**

Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca  
pousa.jonatan@gmail.com

**Leonardo H. Cardoso ANDRADE**

Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca  
leo.hca@gmail.com

**Márcio Benevides LESSA**

Uni-FACEF – Centro Universitário de Franca  
marcio\_lessa@facef.br

Recebido em 08/2016 – Aprovado em 12/2016

### *Resumo*

A abertura comercial colocada em curso no Brasil na década de 1990, combinada com o ajuste em prol da estabilização da economia a partir de 1994, obrigou o empresariado industrial a promover intenso movimento de ajuste estrutural nas suas respectivas empresas, sobretudo em virtude da remoção da exagerada proteção industrial até então concedida à indústria nacional e, da transição da instabilidade crônica para a estabilidade duradoura. Assim como os demais ramos da indústria de transformação, o segmento de fabricação de calçados também sentiu os efeitos daquelas mudanças. Do mesmo modo, a indústria de calçados instalada no município de Franca/SP, diante da nova conjuntura, respondeu praticando apreciável processo de reestruturação produtiva. O resultado deste processo foi a ampliação imoderada da quantidade de prestadores de serviços terceirizados e o fechamento das grandes e tradicionais empresas do setor. Assim, o objetivo do artigo é verificar se o processo de reestruturação da indústria calçadista de Franca, ainda exerce influencia sobre o rendimento das pessoas empregadas naquela atividade, comparativamente ao seu valor, entre os municípios que integram a RA de Franca. Em Franca, a indústria de calçados e couros concentra mais de 70% do valor adicionado fiscal industrial, já nos demais municípios da região (salvo casos excepcionais), é predominante a indústria de produtos alimentícios. Mesmo assim, constata-se que o rendimento médio das pessoas empregadas na indústria de transformação (IT) em Franca é menor do que aquele praticado em outros municípios da região (RA).

Palavras-chave: estrutura industrial, região, rendimento

## **Abstract**

*Trade liberalization put in place in Brazil in the 1990s, combined with the adjustment towards the stabilization of the economy since 1994, forced the industrial business to promote intense movement of structural adjustment in their respective companies, mainly because of removal of excessive industrial protection hitherto afforded to the domestic industry and the transition from chronic instability for lasting stability. Like other branches of the manufacturing industry, the shoe manufacturing segment also felt the effects of those changes. Similarly, the shoe industry installed in the city of Franca / SP, on the new situation, said practicing sensible restructuring process. The result of this process was the inordinate increase in the number of third-party service providers and the closing of large and traditional companies in the sector. Thus, the objective of this article is to verify that the restructuring process of the shoe industry of Franca, still exerts influence on the income of people employed in that activity compared to its value between the municipalities of RA Franca. In France, the footwear and leather industry concentrates more than 70% of industrial value added tax, as in other cities in the region (except in exceptional cases), is predominant food industry. Still, it appears that the average income of people employed in the manufacturing industry (IT) in France is lower than the one practicing in other municipalities in the region (RA).*

**Keywords:** industrial structure, region, income

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo do artigo é verificar se o processo de reestruturação da indústria calçadista de Franca, ainda exerce influencia sobre o rendimento médio nominal das pessoas empregadas naquela atividade, comparativamente ao seu valor entre os municípios que integram a RA de Franca. A RA (Região Administrativa) de Franca, é constituída por vinte e três municípios que em 2013, computara uma população de 721.949 habitantes

e um PIB equivalente a R\$ 18.437.522,78. Os municípios de Franca (sede da RA), Batatais, Orlândia, Morro Agudo, Ituverava e de São Joaquim da Barra (município sede de sua respectiva RG – Região de Governo), juntos respondiam por 74,9% da população total e, por 73% do PIB da região.

A região detém uma estrutura econômica que a exceção dos serviços – dada a sua elevada participação em porcentagem do PIB em praticamente quase todos os municípios – combina municípios de predominância agropecuária com aqueles outros de predominância industrial. Já em termos de estrutura industrial, os subsetores de couros e calçados e de produtos alimentícios, respondiam em 2011, por 81,3% do valor adicionado fiscal da indústria, denotando desta forma, expressiva especialização da indústria da região em setores de baixa intensidade de tecnologia que fabricam produtos de baixo valor agregado. Por esta razão, interessa-nos questionar: Porque o rendimento médio das pessoas empregadas nas indústrias de transformação de Franca é um dos mais baixos da região? Para responder esta pergunta, procuramos examinar o que ocorreu com a indústria calçadista de Franca após a abertura comercial da década de 1990, tendo em vista o intenso processo de reestruturação produtiva pelo qual passou. A metodologia adotada baseou-se na pesquisa bibliográfica e na pesquisa quantitativa. A fundamentação teórica procurou examinar o que ocorreu com a economia e com a indústria brasileira numa breve retrospectiva antes e depois da abertura comercial. Já a pesquisa quantitativa baseou-se num variado conjunto de dados estatísticos de natureza econômica e social. O artigo está dividido em quatro seções mais as considerações finais. A seção 1 aborda a economia brasileira, bem como a indústria de transformação num breve retrospecto dos anos 1980/90. Em sequência, a seção 2 examina os efeitos da abertura comercial da década de 1990, notadamente sobre o subsetor de fabricação de calçados. A abertura comercial e a reestruturação da indústria de calçados de Franca /SP foram analisadas na seção 3. A seção 4 descreve os procedimentos

metodológicos da pesquisa empírica e, em seguida (seção 4.1) são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa. A última seção sintetiza os aspectos mais relevantes do trabalho e, tece as suas considerações finais.

## 1. ECONOMIA BRASILEIRA: BREVE RETROSPECTO DOS ANOS 1980/90

Após o esgotamento do ciclo de crescimento econômico sustentado e robusto da década de 1970, a economia brasileira ingressou numa prolongada fase de baixo crescimento econômico e de inflação elevada.

No ano de 1980, a inflação – medida pela variação anual do INPC –

atingirá 99,7% e o PIB crescera 9,2%. Em 1985, a inflação saltara para 239,0%, e o PIB chegou a 7,8%. Já em 1990, a taxa anual do INPC alcançara 1.585,18%, enquanto o produto total sofreu forte retração de -4,3%. Em 1993, a inflação disparou chegando a computar variação anual de 2.489,11%, mesmo assim o PIB voltou a crescer em torno de 4,6%. Em 1994, o INPC sofrera acentuada queda, pois registrou variação anual de 929,32%, conquanto o PIB atingira 5,3%. Daí em diante, entre 1995 a 1998, a inflação despencou de 21,9% (1995) para 2,49% em 1998, entretanto o PIB, de 4,4% (1995), caíra para 0,04% em 1998.

Embora a economia brasileira, durante a década de 1980 experimentasse períodos de crescimento econômico com inflação, diferentemente da década de 1970, o seu desempenho flutuou ao sabor das políticas tipo “stop and go”, vale dizer, que o desempenho da economia medido pela taxa de crescimento do produto total, condicionou-se a movimentos alternados de expansão e de contração, além do que, na mesma direção, o produto industrial, também sofreu apreciável contração. O combate a inflação através da implantação do Plano Real, colidiria com a fase mais aguda de abertura da economia, mesmo porque, paralelamente à forte valorização do câmbio (R\$/US\$), apreciável redução das tarifas de importação fora colocada em prática pelo governo FHC-1.

Entre 1994 e 1997, a apreciação do real frente ao dólar americano provocou a alteração mais regular no índice de quantum das exportações do que nas importações que quase dobraram. De 1994 a 1998, as importações aumentaram tanto, que o partido de oposição ao governo, o PT, na pessoa do senador Aloísio Mercadante, comentara em tom bem crítico, que o governo de FHC estaria praticando um PSI (processo de substituição de importações) invertido, ou seja, estaria praticando um processo de substituição de produção interna, por importações. Ao lado da expansão das importações e do fraco desempenho das exportações, o produto industrial sofrera pronunciada queda, sobretudo

**Tabela 1: Brasil, taxa de câmbio (R\$/US\$) e índices de quantum das exportações e das importações – 1994 a 2000**

ANO	Taxa de Câmbio venda (R\$/US\$)	Índices de Quantum	
		Exportações	Importações
1994	0,8460	41,0	43,7
1995	0,9725	38,6	64,5
1996	1,0394	39,6	68,5
1997	1,1164	43,6	81,0
1998	1,2087	45,1	82,5
1999	1,789	48,6	70,1
2000	1,9554	54,0	79,3

Fonte: IPEADATA, Elaboração dos autores

**Tabela 2: Brasil, taxa de crescimento média anual do PIB e do PIB da indústria – diversos períodos**

Período	Taxa de variação Anual Real (%)	
	PIB	PIB - Indústria*
1970/79	8,78	9,39
1980/89	3,02	2,19
1990/99	1,64	0,97
1995/98	2,49	1,86
1999/02	2,13	1,09

Fonte: IPEADATA, Elaboração dos autores

\*refere-se à indústria de transformação

ao longo da década de 1990.

A instabilidade macroeconômica da década de 1980 foi suficiente para provocar simultaneamente pronunciadas quedas da taxa de crescimento do PIB e do produto da indústria, especialmente da indústria de transformação.

Considerando-se o período 1981-90 como um todo, em relação ao patamar alcançado em 1980, verifica-se que num quadro de absoluta estagnação do PIB per capita (...), a produção industrial brasileira também permaneceu estagnada nos anos 80. Entre 1980 e 1990, o produto real da indústria cresceu apenas 3,6%, e mesmo assim, graças ao extraordinário desempenho da indústria extrativa mineral (...) e de uns poucos segmentos exportadores, além da indústria de bens e de informática, em implantação. (SUZIGAN, 1992, p.93).

Além disto, a inflação alta e persistente dos anos 80 acarretou outros efeitos deletérios sobre a economia e a indústria brasileira, pois além de provocar a perda do poder aquisitivo dos trabalhadores assalariados e comprometer a distribuição da renda de forma mais equilibrada, promoveu verdadeira distorção do sistema de preços relativos. A ausência de perspectivas mais otimistas e do fraco desempenho da indústria, retardaram os investimentos destinados à ampliação da capacidade de oferta, bem como, daqueles destinados à modernização e inovação.

Ao final da década de 1970 até o início dos anos 80,

(...) a indústria brasileira apresentava elevados graus de integração intersetorial e de

diversificação da produção, porém com insuficiente desenvolvimento tecnológico, ineficiências técnicas e econômicas específicas que limitavam sua competitividade, ausência de qualquer padrão nítido de especialização e pouca integração com o mercado internacional (SUZIGAN, 1992, p.90).

Estas tendências da indústria brasileira, esboçavam uma trajetória completamente oposta àquela que vigorava nas principais economias avançadas do capitalismo cêntrico, tendo em vista que nelas estariam se consolidando.

(...) as tendências à introdução de inovações tecnológicas, gerenciais e organizacionais que mudavam radicalmente a base técnica da indústria e conformavam um novo padrão de desenvolvimento industrial (SUZIGAN, 1992, p.90).

Diante disto, a abertura econômica (comercial e financeira) colocada em curso no país – tendo em vista a situação de estagnação que vigorou no país nos anos 80 – provocou efeitos severos sobre a economia e a indústria brasileira, sobretudo pelo fato de ter exposto a indústria à concorrência internacional sem levar em conta o seu atraso tecnológico e as deficiências estruturais que prevaleciam. A taxa de investimento em porcentagem do PIB reduziu de 21,40% (1977/79), para 18,24% entre 1990 a 1992 .

Outro dado importante a respeito da indústria, relaciona-se à utilização da capacidade instalada, pois em média, caiu de 87,60 (1970/74) para 75,40 (1990/942.). Além disto, o acelerou das

importações e a queda da produção industrial, entre outros fatores, contribuíram em boa medida para o aumento da taxa de desemprego que aumentou progressivamente de 6,7% em 1995, para 7,6% em 1996, 8,5% em 1997, 9,7% em 1998 e, 10,4% em 1999.

Os efeitos da abertura comercial sobre a indústria de transformação brasileira, foram praticamente sentidos por quase todos os setores, tanto que, em se tratando do comportamento do valor adicionado em diferentes complexos entre 1985-

96, Cardoso Jr constatara que

(...) com exceção da construção civil, todos os demais complexos sofreram queda em suas taxas de crescimento e, conseqüentemente, na participação sobre a geração do valor adicionado entre 1985 e 1990. O mesmo fenômeno repetiu para quase todos os complexos durante a recessão do período de 1990/92. As maiores quedas estiveram concentradas nos complexos têxtil, couros e calçados (-28,8%), eletrônico (-27%) e madeireiro (-26%), como reflexo da

**Tabela 3: Estrutura da Produção Industrial Brasileira – Anos Seleccionados (Em % do valor da produção corrente)**

Gêneros e grupos	1920	1940	1950	1960	1970	1975	1980	1985	1990
Tradicionais	89,67	79,65	74,05	56,19	48,09	34,07	35,15	35,64	39,06
Madeiras	4,04	2,41	3,39	2,64	2,29	2,21	2,05	1,19	1,01
Mobiliário	1,27	1,38	1,66	1,84	1,78	1,55	1,49	1,16	0,99
Couros e Peles	2,35	1,95	1,52	1,08	0,66	0,49	0,49	0,60	0,53
Farmacêutica	0,76	1,44	1,93	1,95	2,14	1,53	1,11	1,15	1,18
Perfumaria	2,52	1,77	1,73	1,52	1,39	1,02	0,82	0,84	0,79
Têxtil	25,20	20,61	18,69	12,54	9,29	1,85	6,5	5,77	5,23
Vestuário	7,70	6,20	4,34	3,41	3,38	3,48	3,9	4,34	4,09
Alimentos	37,35	36,17	32,02	24,15	20,21	16,36	14,05	15,81	18,81
Bebidas	4,40	2,24	3,13	2,37	1,88	1,28	1,07	1,06	1,15
Fumo	3,34	1,53	1,38	1,12	0,96	0,79	0,55	0,6	0,61
Editorial	*	3,15	2,83	2,28	2,52	2,20	1,63	1,32	2,39
Diversas	0,74	0,80	1,43	1,29	1,59	1,31	1,49	1,8	2,28
Dinâmicas-A	9,06	16,13	21,09	30,19	33,32	43,78	43,96	44,28	43,10
Minerais Não-Metálicos	2,55	3,52	4,51	4,52	4,17	4,06	4,25	3,02	2,92
Metalurgia	3,18	5,41	7,60	10,53	12,47	13,46	13,9	13,99	13,12
Papel e Papelão	1,19	2,11	1,99	2,97	2,44	2,37	2,72	2,81	2,82
Borracha	0,12	0,50	1,61	2,53	1,70	1,62	1,52	1,66	1,67
Química	2,02	4,59	5,18	8,96	10,89	15,5	19,52	20,88	20,92
Plásticos	...	...	0,20	0,68	1,65	6,77	2,05	1,92	1,65
Dinâmicas-B	1,27	4,24	5,31	13,62	18,61	22,15	20,89	20,08	17,82
Mecânica	0,07	0,91	1,60	2,85	5,70	8,02	7,69	6,85	5,99
Material Elétrico	...	0,79	1,40	3,98	4,71	5,06	5,26	5,8	5,38
Material de Transporte	1,20	2,54	2,31	6,79	8,20	9,07	7,94	7,43	6,45
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Bonelli (1996) e Unido (1997)

política de abertura comercial implementada no início da década. (CARDOSO Jr, 2000, p.14-15).

Diante de uma conjuntura marcada pela potencialização de vários fatores como a remoção do protecionismo exagerado concedido à indústria nacional na década de 1980, maior grau de abertura comercial decorrente da combinação de cambio valorizado e redução das alíquotas de importação, queda vertiginosa da inflação em prol da estabilidade duradoura, taxa de juros elevada para preservar a apreciação cambial, entre outros, não restou outra alternativa, principalmente ao setor industrial, senão promover um pronunciado ajuste estrutural.

## 2. ABERTURA COMERCIAL E O SETOR DE FABRICAÇÃO DE CALÇADOS

Entre 1920 e 1940, a estrutura da produção industrial brasileira ainda se encontrava muito concentrada nas indústrias produtoras de bens de

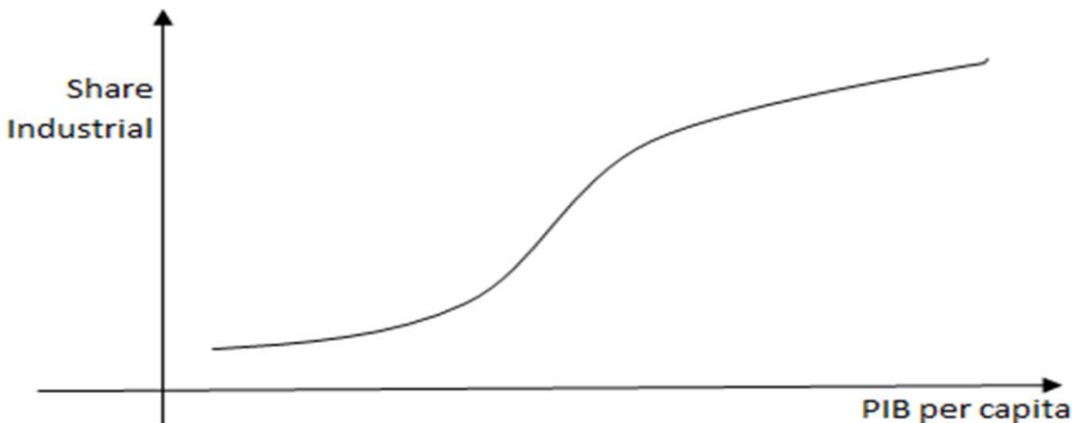
Daí em diante, constata-se um movimento contínuo de redução da participação das indústrias de bens de consumo não-duráveis, concomitante ao aumento progressivo dos segmentos produtores de bens intermediários e duráveis.

O ramo de fabricação de calçados, juntamente com os gêneros das indústrias de vestuário e artefatos de tecidos, reduziram sua participação no valor da produção industrial em mais de 80% entre 1920 e 1990.

Do mesmo modo, a participação conjunta do complexo, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, no VTI, caiu de 4,79% em 1939, para 3,48% em 1995.

Ainda que as modificações que ocorreram na estrutura da produção industrial brasileira, possam ser interpretadas por outras razões, poderíamos admitir que no caso inclusive do gênero de fabricação de calçados, a redução contínua da sua participação no valor da

**Gráfico 1: Ilustração do Padrão de Desenvolvimento Industrial segundo Unido – 1979**



**Fonte: Apud Bonelli, Gonçalves**

consumo não duráveis – como perfumaria, têxtil, vestuário, alimentos e bebidas, fumo, couros e peles, etc. –, mesmo porque, em porcentagem do valor da produção corrente, chegaram a representar 89,6% e 79,6%. (BONELLI, GONÇALVES, 1998).

produção industrial, estaria associada aos níveis de renda per capita.

A associação entre renda per capita e share industrial estaria mostrando o efeito do aumento da renda sobre o desenvolvimento do setor industrial.

A marca mais característica das estimações feitas pela Unido refere-se ao formato em S das curvas ajustadas estatisticamente. Isso indica que para níveis muito baixos de renda per capita, o share industrial eleva-se lentamente com o aumento da renda per capita, para níveis intermediários de renda observa-se uma aceleração do crescimento da parcela da indústria no produto agregado; finalmente, tal parcela volta a expandir-se lentamente para níveis de renda mais elevados. (BONELLI, GONÇALVES, 1998, p.20).

Outro dado importante relacionado ao conjunto formado pelos gêneros vestuário, calçados e artefatos de tecidos, diz respeito ao comportamento da produção física anual, medida pelos índices anuais da produção industrial.

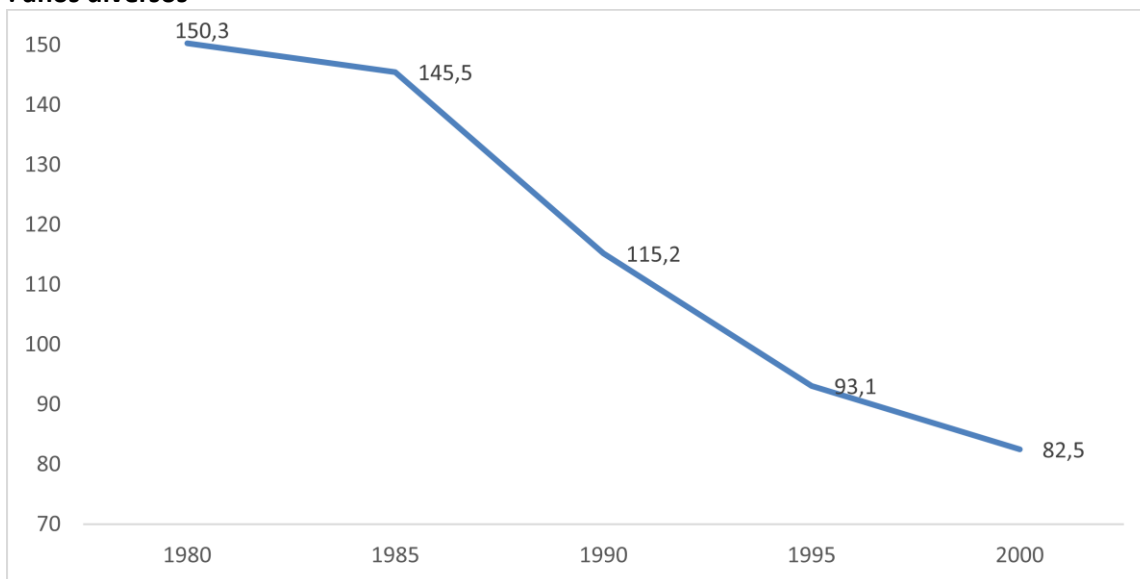
De 1980 a 2000, os gêneros industriais do vestuário, calçados e artefatos de tecidos,

Dentre os vários fatores que podem justificar o comportamento da queda da produção daquele mesmo conjunto de indústrias, a partir da década de 1990, em boa medida, sobretudo entre 1993 e 1997, o volume de importação de calçados – medido pelos índices de quantum das importações – impactou de forma bem acentuada. Além disso, entre 1995 e 1998, as exportações de calçados ficaram em volume, bem abaixo das importações.

A queda da produção física e do volume de exportações, obrigou o segmento do vestuário, calçados e artefatos de tecidos a promover intenso ajuste, razão pela qual, acabou promovendo acentuado corte nos empregos.

Em relação ao comportamento do pessoal ocupado no biênio 1994/1995, além dos complexos eletroeletrônico e papel gráfico (...);

**Gráfico 2: Brasil, índices da produção física anual do vestuário, calçados e artef. tecidos (base 1991=100) : anos diversos**

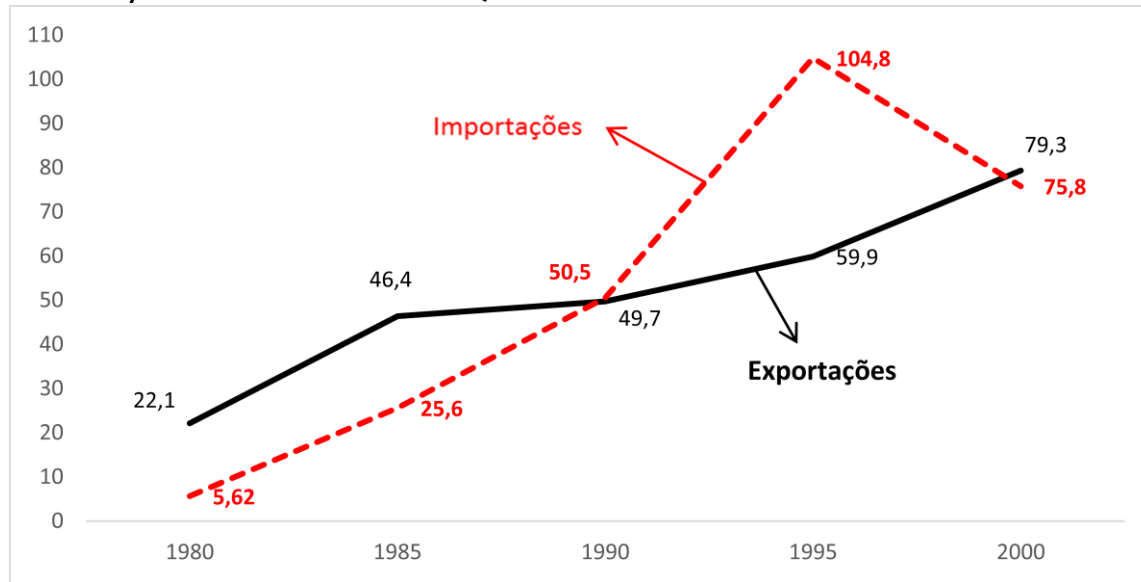


Fonte: IBGE, Elaboração dos autores

experimentaram contínuo movimento de queda da produção física. Em 1990, comparativamente ao ano de 1985, a produção física reduziu-se em 26,3%. Já no ano de 2000 em relação ao ano de 1990, a produção teria caído em torno de 39,6%.

(...) têxtil, couros e calçados, que continuaram a ter seu contingente de pessoal ocupado reduzido ano após ano, sugerindo que também a abertura comercial, elemento comum da década de 90, possa ter tido papel determinante nas trajetórias

**Gráfico 3: Brasil, setor de calçados índices de quantum das exportações e das importações (média 2006=100) – anos diversos índices de Quantum**



Fonte: IPEADATA, Elaboração dos autores

específicas de reestruturação industrial desses complexos. (CARDOSO Jr, 2000, p.25).

De fato, quando comparamos a quantidade de pessoal ocupado nas indústrias de vestuário, calçados e artefatos de tecidos em 1988 e 1995, constata-se a ocorrência de uma abrupta redução da ordem de 84%, pois, de 551.493 em 1988, o total de pessoas ocupadas chegou em 1995, a somar 299.193 pessoas – segundo as Estatísticas do Século XX do IBGE.

### 3. ABERTURA COMERCIAL E A REESTRUTURAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE FRANCA/SP

Analogamente aos demais setores da indústria brasileira, o segmento de fabricação de calçados de Franca também foi seriamente afetado pela abertura comercial. Por um lado, o aumento das importações de calçados, principalmente oriundas do continente asiático, acirrou a concorrência do produto nacional com o importado sob condições desfavoráveis ao produtor nacional, tendo em vista o estado de atraso tecnológico, de obsolescência de máquinas e equipamentos, da situação em que se encontrava a infraestrutura de apoio – malha

rodoviária, telecomunicações, sistema portuário, etc, -, isto sem incluir os juros elevados, a carga tributária e outros custos. Por outro lado, o período prolongado em que o câmbio (R\$ / US\$) se manteve sobrevalorizado, foi suficiente para provocar contínua e pronunciada queda das exportações de calçados daquele município.

O alongado período de apreciação cambial, não só encareceu o calçado franco – como os demais produtos exportados pelo país -, tornando-o menos competitivo, como pelo preço mais atrativo, acabou aumentado sobremaneira o volume de calçados importado pelos EUA provenientes da Ásia. Ademais, durante prolongado período, a indústria calçadista de Franca tinha o mercado norte-americano como o principal – devido o elevado volume – destino das suas exportações. Convém observar que as exportações de calçados de Franca, em volume físico, cresceram em torno de 406% de 1981 a 1993, uma vez que, de 3,07 milhões de pares exportados em 1981, registrou-se um volume de 15,5 milhões de pares exportados em 1993 – de acordo com as estatísticas do SINDIFRANCA. De 1993 em diante, o volume exportado, especialmente para o mercado norte-americano, reduziu-se progressivamente.



**Tabela 4: Franca, exportação de calçados (em pares): 1990-1998**

Ano	Exportações de calçados
	PIB
1990	8.808.064
1991	7.172.255
1992	10.763.415
1993	15.593.203
1994	12.910.854
1995	7.464.909
1996	8.166.555
1997	6.706.792
1998	4.538.211

**Fonte: Sindifranca, Elaboração dos autores.**

A abertura comercial brasileira trouxe como imperativo de mercado a necessidade de as empresas aqui instaladas promoverem a introdução e a difusão de modernas técnicas e métodos de gestão da produção, com o claro objetivo de sustentar ganhos expressivos de produtividade do trabalho, visando a maior competitividade internacional. Dentre as transformações mais importantes, destacam-se (...) e os métodos de planejamento e gestão administrativa (terceirização, reengenharia, planejamento das necessidades materiais, planejamento estratégico, etc.). (CARDOSO Jr, 2000, p.31).

Assim, diante do aumento da concorrência com o produto importado, das condições em que se encontrava a indústria calçadista – atraso tecnológico, obsolescência de máquinas/equipamentos, emprego de ferramentas de gestão e de produção superadas, etc. -, da reduzida margem de manobra das empresas devido a concorrência mais acirrada por preços, não restou alternativa ao empresariado francano, senão colocar em prática acentuado ajuste estrutural.

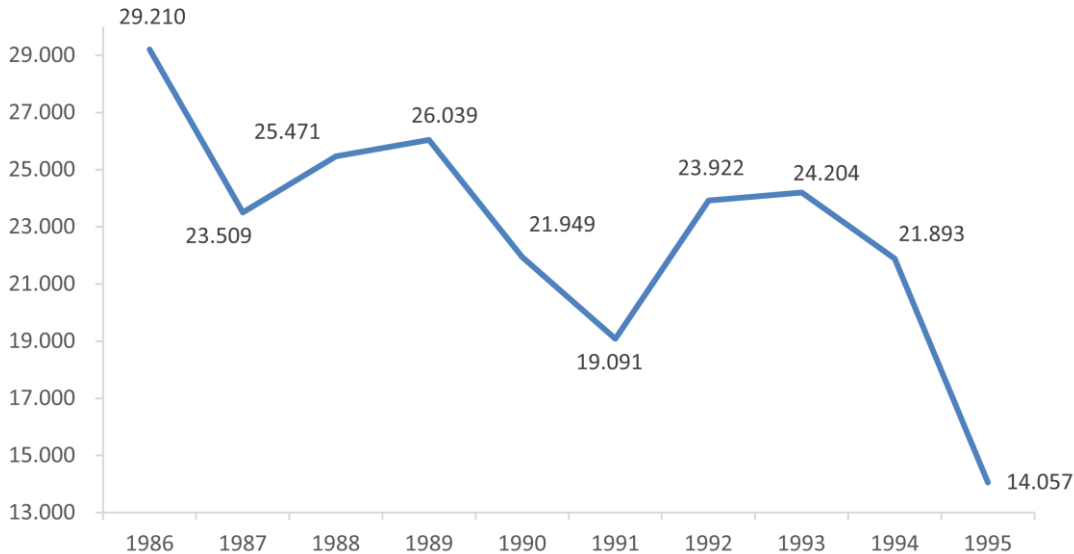
Paralelamente ao redimensionamento da estrutura organizacional, isto é, da redução dos níveis hierárquicos, como também de um mais rigoroso planejamento das necessidades materiais necessário para adequar os estoques, principalmente de matéria-prima, foi também colocado em curso pelo processo de reestruturação produtiva, o deslocamento de

algumas plantas industriais para o Nordeste do país. A realocação de empresas para aquela mesma região da federação brasileira, teve como propósito, beneficiar-se de certas vantagens como benefícios fiscais e mão-de-obra barata não sindicalizada. Além disto, as empresas que permaneceram instaladas no município de Franca, para compensar a sobrevalorização do real, passaram a transferir etapas ou todo o processo de fabricação para terceiros, resultando disto, o surgimento de inúmeros prestadores de serviços terceirizados, as chamadas bancas – como as bancas de corte, de pesponto, de costura manual, etc.. É oportuno comentar que o gênero industrial de fabricação de calçados, enquadra-se em termos de regime de mercado, na concorrência monopolística, devido ao grande número de produtores e de compradores, onde a concorrência se baseia em preço, além do que, trata-se de um subsetor da indústria onde não existem barreiras à entrada.

O impacto da abertura comercial sobre o ramo de fabricação de calçados de Franca foi capaz o suficiente, para desencadear efeitos deletérios na economia do município, no emprego, como, principalmente na própria indústria. As vendas para o mercado externo caíram de US\$ 256,5 milhões em 1993, para US\$ 110,0 milhões em 1999. Daí em diante, após ter alcançado em 2004 vendas equivalentes a 9,7 milhões, as exportações de calçados sofreram queda contínua em volume físico e em valores, tanto que, em 2015, foram exportados / vendidos 3,19

**Gráfico 4: Indústria de calçados de Franca segundo estoque de vínculos ativos (31/12): 1986 a 1995**

**Estoque de Vínculos ativos**



Fonte: Rais/MTE , Elaboração dos autores

milhões de pares que em valores somaram US\$ 78,4 milhões.

O valor adicionado da indústria (a preços de 2000) teria diminuído de R\$ 400,5 milhões em 1996, para R\$ 382,5 milhões no de ano 2002. (IPEADATA). Em relação ao emprego, o ajuste colocado em prática pelas empresas – em decorrência da queda das exportações, do câmbio sobrevalorizado e aumento das importações – , resultado de um acentuado corte de pessoal empregado no subsetor de fabricação de calçados.

A indústria brasileira de calçados, condicionada pela natureza do processo de trabalho – intensivo em mão-de-obra -, tem como característica básica de competitividade o custo desse fator produtivo. O fato de as indústrias enfrentarem dificuldades de automatizar certas etapas do processo produtivo, (...), gera a necessidade de um grande contingente de trabalhadores. Como consequência, a indústria calçadista tende a apresentar baixos níveis salariais, alto índice de rotatividade, simplificação d p. trabalho e a constante utilização de trabalhadores não-

qualificados. (TRICHES; SILVESTRIN, 2008,p.153-154).

Assim, dadas as características do segmento de fabricação de calçados, à indústria calçadista de Franca, não restou outra alternativa senão efetuar acentuada demissão de trabalhadores.

A acentuada queda do número de vínculos ativos formais no segmento de fabricação de calçados, provocou, por sua vez, expansão anormal de ocupações caracterizadas pela ausência de contrato de trabalho e de baixa remuneração, sobretudo na atividade informal de prestação de serviços terceirizados.

Como se não bastasse, o número de empresas e a quantidade de pessoas ocupadas nas plantas industriais de grande porte sofreram considerável redução, o que acabou modificando significativamente a configuração da indústria de calçados do município de Franca.

O desaparecimento das grandes e tradicionais empresas fabricantes de calçados, alterou a configuração da indústria e dos empregos, pois, em 1985, as plantas industriais de grande porte respondiam por aproximadamente 80% da

**Tabela 5: Franca, indústria de calçados segundo a quantidade de estabelecimentos e vínculos ativos por tamanho do estabelecimento:1985 e 1995.**

Tamanho do estabelecimento (por faixa de pessoas)	Quantidade			
	Estabelecimentos		Vínculos Ativos	
	1985	1995	1985	1995
de 0 a 19 pessoas	178	678	1.106	2.025
de 20 a 99 pessoas	85	76	3.837	3.382
de 100 a 499 pessoas	46	25	11.905	5.141
de 500 a 1000 ou + pessoas	11	4	9.156	3.510
Total	320	783	26.004	14.058

Fonte: RAIS/MTE ,Elaboração dos autores

**Tabela 6: Indústria brasileira de calçados, distribuição percentual dos empregos por porte de empresa: 1990 e 1995**

Ano	Distribuição dos empregos (em%) por porte de empresa				
	MICRO	PEQUENA	MÉDIA	GRANDE	TOTAL
1990	6,29	11,70	48,19	33,82	100,0
1995	4,73	12,76	44,53	37,98	100,0

Fonte: Triches e Silvestrin (2008), Adaptada pelos autores

produção total e empregavam aproximadamente 35% do total da mão-de-obra ocupada no ramo de fabricação de calçados, contudo, em 1995, já representavam 24,9% do estoque de vínculos ativos formais, enquanto a produção se dissipou entre as empresas de micro e de pequeno porte. Se considerarmos o conjunto formado pelas médias e grandes empresas, ambas que somavam o equivalente a 80,9% do total de vínculos ativos formais em 1985, passaram a significar 61,5% do total em 1995.

Esta mudança que ocorreu com a indústria calçadista francana difere da situação da indústria no Brasil

Enquanto na indústria brasileira de calçados, a média e a grande empresa, respondiam por mais de 80% do total de empregos do setor, na indústria calçadista francana representavam pouco acima de 61% no ano de 1995.

A presença de empresa de grande porte, tanto na indústria como numa economia, é sem dúvida importante, sobretudo pelo fato de serem dotadas de capacidade e de layout capaz de operar escalas maiores de produção, como

também empregar maior número de pessoas com remuneração mais alta.

Como se percebe, a remuneração do trabalhador aumenta à medida que aumenta o tamanho do estabelecimento, logo, quanto maior for a quantidade de pessoas empregadas em empresas de maior porte, maior será a remuneração e a massa salarial.

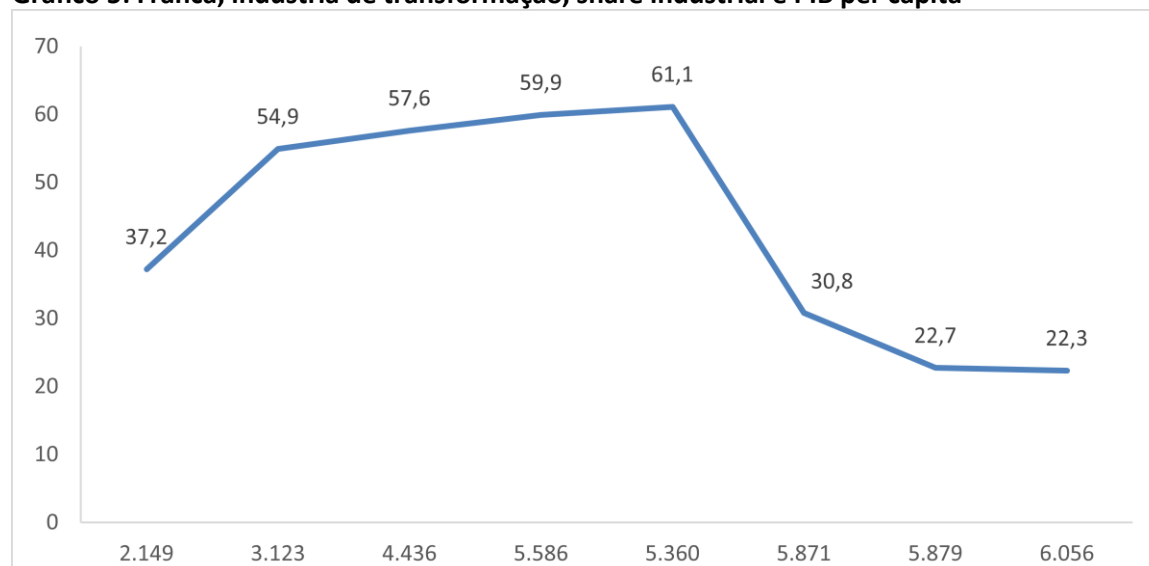
Finalmente, outro aspecto que merece ser considerado, diz respeito à participação da indústria no PIB, tendo em vista que no Brasil, desde final dos anos 80, esta relação tem mostrado contínua trajetória de queda da participação da indústria de transformação. No caso do setor da indústria de transformação de Franca, a relação entre o share industrial e o PIB per capita, confirma a mesma trajetória.

**Tabela 7: Franca, indústria de calçados segundo a remuneração média nominal dos vínculos ativos por porte de empresa – 2014**

Tamanho do Estabelecimento (por faixa de pessoal ocupado)	Remuneração Média Nominal (em R\$)
de 1 a 4	1.087,74
de 5 a 9	1.164,51
de 10 a 19	1.218,64
de 20 a 49	1.300,09
de 50 a 99	1.332,10
de 100 a 249	1.455,87
de 250 a 499	1.436,57
de 500 a 999	1.585,88

Fonte: RAIS/MET ,Elaboração dos autores

**Gráfico 5: Franca, indústria de transformação, share industrial e PIB per capita**



Fonte: IBGE e IPEADATA, Elaboração dos autores

Nota: PIB per capita em reais de 1999. Anos: 1959, 1970, 1975, 1980, 1985, 1996, 1999 e 2000. Refere-se ao PIB per capita do Brasil

Números mais recentes indicam que como porcentagem do PIB, a participação da indústria de transformação no município de Franca, teria diminuído de 25,1% em 1999, para 22,5% em 2012. Já o subsetor da indústria de couros e calçados, que em, porcentagem do valor adicionado fiscal total do município, respondia por 40,2%, passou a representar 32,4% em 2012.

#### 4. METODOLOGIA

O propósito do artigo, é verificar se o processo de reestruturação da indústria de calçados de Franca ocorrido nos anos de 1990, ainda exerce influencia sobre o valor do rendimento médio nominal mensal dos empregos formais ocupados na (IT) indústria de transformação, comparativamente ao seu valor, entre os municípios que integram a Região Administrativa

(RA) de Franca. O recorte territorial, abrangeu desta forma, os vinte e três municípios que fazem parte da citada RA, a qual, por sua vez, é formada pelas Regiões de Governo (RG) de Franca e de São Joaquim da Barra.

Para verificar e comparar o valor do rendimento médio mensal dos empregos formais ocupados na IT de Franca com os demais vinte e dois municípios, consideramos relevante examinar determinados aspectos socioeconômicos de cada município. Assim, entendemos ser importante verificar a distribuição setorial – entre a agropecuária, a indústria e os serviços – do valor adicionado em cada um dos municípios da RA, pois, desta forma, pudemos ter uma visão da estrutura econômica de cada localidade.

Para apurar o peso da indústria de cada município na região, calculou-se a participação relativa do valor adicionado de cada localidade como porcentagem do VA total da indústria da região, a partir dos valores do PIB municipal-indústria (valor adicionado a preços básicos) que engloba as atividades da indústria de transformação, extrativa mineral, construção civil e serviços industriais de utilidade pública (SIUP). Além do peso da indústria de cada localidade da região, verificamos também as alterações que ocorreram com a especialidade da produção industrial.

A estrutura industrial de cada município foi analisada de acordo como o coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal (FIESP/SEADE), muito embora, seja recomendado a adoção da variável emprego, tanto para medidas de localização, como para as de especialização.

O coeficiente de especialização compara a estrutura produtiva da região, com a estrutura produtiva nacional, O valor do coeficiente será igual a 0 quando a região tiver uma composição setorial idêntica a da nação. Se o valor do coeficiente for igual a 1, a região já está com elevado grau de especialização em atividades ligadas a um determinado setor, ou está com uma estrutura de emprego totalmente diversa da estrutura de emprego nacional (HADDAD, 1989,p.240).

Todavia, neste estudo a estrutura industrial de cada município da região, foi definida de acordo com o coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal da IT, que segundo a FIESP\*, mede a importância de determinada atividade dentro da estrutura econômica da localidade, baseada na medida de soma do valor adicionado fiscal, sendo o mesmo expresso em porcentagem. Por este motivo, este mesmo coeficiente pode oscilar entre 0% e 100%, dependendo da importância da atividade no âmbito da estrutura econômica de cada localidade.

Na sequência, verificamos o comportamento do emprego formal em dezesseis gêneros da IT e, em cada um dos municípios da região, segundo o estoque recuperado de empregos (CAGED/MTE).

Posteriormente, apreciamos a evolução do rendimento médio nominal mensal dos empregos formais ocupados na indústria, assim como, no âmbito da indústria, verificamos a escolaridade dos empregos formais ocupados. Convém ressaltar, que no caso da escolaridade, selecionamos apenas dois setores de maior relevância no município de Franca e região.

Finalmente, acrescentamos ao estudo outras informações, tais como, a quantidade de estabelecimentos, empregos ocupados, rendimento médio dos empregos e, a massa salarial mensal de acordo com o porte dos estabelecimentos que operam no ramo industrial.

#### 4.1 Resultados da pesquisa

A RA de Franca é constituída na sua maioria de municípios com população que oscila entre menos de 5.000 e, de 30.001 a 40.000 habitantes. Em mais de 60% dos municípios, a população não ultrapassava os 20.000 habitantes – segundo a SEADE para o ano de 2016. Na faixa de 40.001 e inferior a 60.000 habitantes, apenas três municípios enquadravam-se nesta categoria. Acima de 300.000 habitantes, apenas o município sede da região, ou seja, Franca, enquadrava-se naquela faixa, caracterizando desta maneira expressiva concentração populacional numa única localidade.

Após esta breve caracterização da RA em questão examinamos a distribuição (em porcentagem) do valor adicionado total entre os três grandes setores da economia.

A exceção de alguns municípios, a participação elevada dos serviços no valor adicionado total, outorga-lhe a posição de setor dominante da atividade econômica nos demais municípios.

Examinando apenas a participação da agropecuária e da indústria, os municípios de Aramina, Buritizal, Cristais Paulista, Ipuã, Itirapuã, Jariquera, Miguelópolis, Ribeirão Corrente, Sales de Oliveira e São José da Bela Vista, representando 43% do conjunto de municípios da região, indicavam predominância da agropecuária sobre a indústria na composição setorial do valor adicionado. Já os municípios de Batatais, Franca, Guará, Igarapava, Ituverava, Nuporanga, Orlandia, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Rifaina e São Joaquim da Barra, perfazendo um percentual de 52% do total de municípios, apontavam dominância da indústria sobre a agropecuária.

O município de Morro Agudo configurava um perfil diferenciado em virtude dos percentuais quase próximos da agropecuária e da indústria.

É interessante observar que nos municípios de Jariquera, Miguelópolis, Nuporanga, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga e Rifaina, a participação relativa conjunta da agropecuária e da indústria no valor adicionado superava a dos serviços.

Em síntese, dez dos municípios da região conformavam proeminência da agropecuária, enquanto, pouco mais da metade, caracterizam dominância da indústria. Em sequência, examinamos a distribuição do valor adicionado total da indústria (em %) entre os municípios da região nos anos de 1985 e 2010.

Muito embora a atividade industrial continue ainda concentrada em apenas cinco municípios – Batatais, Franca, Morro Agudo, Orlandia e São Joaquim da Barra – deve-se registrar que a sua participação conjunta no valor adicionado total

da indústria na região, reduziu-se de 90,2% em 1985, para 75,1% em 2010.

A exceção de Franca, Ituverava, Morro Agudo e Orlandia, os demais municípios conseguiram aumentar sua participação no valor adicionado industrial.

Dentre os municípios que aumentaram sua participação, convém destacar que, Batatais, Guará, Igarapava e Patrocínio Paulista, obtiveram ganhos expressivos. Já no caso daqueles que sofreram perda de participação, Morro Agudo experimentou uma redução de 35,5%, enquanto Franca, amargou uma queda da ordem de 42,6%.

Em relação à pronunciada diminuição da participação do município de Franca, é oportuno assinalar, que em 1959, o PIB (valor adicionado) industrial somara 37,2% do PIB municipal, atinge seu ponto máximo em 1985, quando marca 61,1%, contudo, daí em diante, a participação da indústria no PIB do município desenha trajetória contínua de queda, ao ponto de em 2010, representar 21,9% do PIB. Do mesmo modo, o ramo de preparação de couros e fabricação de calçados, também, contudo de forma mais suave, como porcentagem do valor adicionado fiscal total do município, reduziu sua participação de 40,2% em 2000, para 32,4% em 2012.

Até a década de 1980, a participação da indústria no PIB de Franca foi crescente, entretanto, após a abertura comercial e, o ajuste pró-estabilização da economia promovido pelo Plano Real, sua trajetória foi de contínua declinação. Este movimento, colide com a inflexão que ocorreu também na indústria brasileira, pois, a sua participação no PIB tem sido da década de 1990 em diante, de contínuo declínio. Na sequência, sem o devido detalhamento, para examinar a composição da estrutura interna da indústria de transformação, selecionamos apenas os gêneros cujo Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal fosse mais representativo.

**Tabela 8: Municípios da RA de Franca segundo participação relativa dos grandes setores no valor adicionado (em/%) – 2013**

Municípios	Participação no Total do Valor Adicionado (%)		
	Agropecuária	Indústria	Serviços
Aramina	27,9	5,4	66,7
Batatais	12,1	20,1	67,8
Buritizal	18,5	4,9	76,6
Cristais Paulista	34,6	6,9	58,5
Franca	0,6	23,4	76,0
Guará	16,3	26,0	57,7
Igarapava	6,7	14,2	79,1
Ipuã	27,6	11,8	60,6
Itirapuã	26,2	6,0	67,8
Ituverava	14,4	19,5	66,1
Jeriquara	46,5	5,4	48,1
Miguelópolis	39,2	18,5	42,3
Morro Agudo	23,8	25,7	50,5
Nuporanga	20,7	38,8	40,5
Orlândia	3,8	32,2	64,0
Patroc.Paulista	20,3	41,0	38,7
Pedregulho	21,0	42,0	37,0
Restinga	23,2	27,1	49,7
Ribeirão Corrente	39,4	8,4	52,2
Rifaina	7,0	58,0	35,0
Sales de Oliveira	26,7	20,7	52,6
S.Joaquim Barra	5,7	33,2	61,1
S.J.Bela Vista	35,9	3,9	60,2

Fonte: SEADE, Elaboração dos autores.

**Tabela 9: Municípios da RA de Franca segundo participação relativa no valor adicionado total da indústria (em%) – 1985 e 2010**

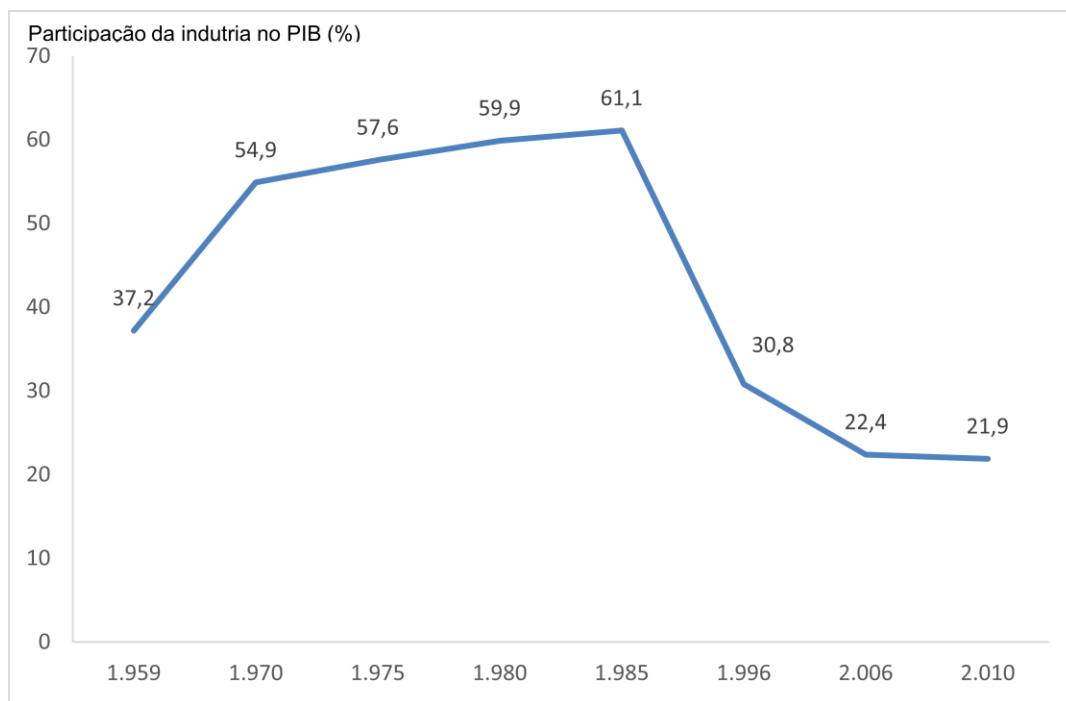
Município	Participação no VA da indústria*	
	1985	2010
Aramina	0,08	0,16
Batatais	4,86	10,54
Buritizal	0,10	0,83
Cristais Paulista	0,14	0,47
Franca	58,71	33,68
Guará	1,92	3,37
Igarapava	1,32	4,05
Ipuã	0,55	1,34
Itirapuã	0,15	0,20
Ituverava	2,62	2,31
Jeriquara	0,04	0,55
Miguelópolis	0,72	0,79
Morro Agudo	12,17	7,85
Nuporanga	0,41	1,49
Orlândia	9,54	8,97
Patroc.Paulista	0,73	3,86
Pedregulho	0,46	1,09
Restinga	0,12	0,42
Ribeirão Corrente	0,06	0,47
Rifaina	0,15	0,19
Sales de Oliveira	0,06	1,50
S.Joaquim Barra	4,93	14,10
S.J.Bela Vista	0,13	1,47
Total	100,00	100,00

Fonte: IPEADATA, Elaboração dos autores

*N.F refere-se ao PIB municipal – indústria, valor adicionado a preços básicos, engloba as atividades da indústria de transformação, extrativa mineral, construção civil e serviços industriais de utilidade pública.*



**Gráfico 6: Franca, participação do PIB (valor adicionado) da indústria no PIB municipal (em %) – anos diversos**



Fonte: IPEADATA, Elaboração dos autores

No agregado, a indústria de transformação da região, denota, devido aos elevados coeficientes de especialização do valor adicionado fiscal, uma estrutura concentrada em dois gêneros da produção industrial, quais sejam, couros e calçados (18,46%) e, produtos alimentícios (62,92%), os quais, em conjunto, perfaziam no ano de 2011, 81,38% daquela variável. No segmento de produtos alimentícios, destaca-se a primazia da fabricação de açúcar, seguido secundariamente de outros gêneros, tais como, abate de reses (exceto suínos), abate de suínos, aves e outros animais pequenos, fabricação de óleos vegetais refinados (exceto de milho), preparação do leite, fabricação de alimentos para animais e fabricação de produtos de panificação.

Com percentuais oscilando entre mais de 90% e igual a 100%, o segmento de produtos alimentícios, é predominante em dezessete municípios da região.

Em Franca, máquinas e equipamentos, artigos de borracha, produtos químicos e preparação de couros e fabricação de calçados, respondiam por 88,8% do coeficiente de especialização do VAF, o que caracteriza elevada concentração da produção industrial em atividades mais intensivas de trabalho e, de baixa e de média baixa intensidade tecnológica. Já em Orlândia, três segmentos respondiam por 98%, máquinas aparelhos e materiais elétricos, produtos alimentícios e produtos químicos, definiam o formato da IT do município. Na cidade de São Joaquim da Barra, o conjunto formado pela metalurgia básica, máquinas e equipamentos, produtos químicos e produtos alimentícios, representavam 95,5% do coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal.

**Tabela 10: Municípios da RA de Franca e Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Industrial: 2011**

Município da RA de Franca	Coeficiente de Especialização do Valor Adicionado Fiscal IT* (Em %) - 2011
Aramina	Produtos Alimentícios (100%)
Batatais	Metalurgia Básica (6,7%); Máq.Equipamentos (16,5%); Produtos Químicos (5,3%); Combustíveis (12,5%); Produtos Alimentícios (48,2%)
Buritizal	Produtos Alimentícios (100%)
Cristais Paulista	Produtos Alimentícios (98,3%)
Franca	Máq.Equipamentos (2,4%); Art.Borracha (6,3%); Couros e Calçados (74,9%); Produtos Químicos (5,2%); Produtos Alimentícios (3,7%)
Guará	Produtos Alimentícios (99,9%)
Igarapava	Produtos de Metal (3,1%); Produtos Alimentícios (95,5%)
Ipuã	Produtos Alimentícios (100%)
Itirapuã	Produtos Alimentícios (100%)
Ituverava	Produtos Químicos (21,9%); Produtos Alimentícios (59,9%)
Jeriquara	Produtos Alimentícios (100%)
Miguelópolis	Produtos Alimentícios (100%)
Morro Agudo	Combustíveis (4,9%); Produtos Alimentícios (94,9%)
Nuporanga	Produtos Alimentícios (100%)
Orlândia	Máq.Apar.Mater.Elétricos (28,3%); Produtos Químicos (1,8%); Produtos Alimentícios (67,9%)
Patroc.Paulista	Produtos Alimentícios (98,7%)
Pedregulho	Couros e Calçados (6,8%); Produtos Alimentícios (93,2%)
Restinga	Couros e Calçados (11,2%); Produtos Alimentícios (83,2%)
Ribeirão Corrente	Produtos Alimentícios (97,9%); Couros e Calçados (2,1%)
Rifaina	Produtos Alimentícios (100%)
Sales de Oliveira	Produtos Alimentícios (99,2%)
S.Joaquim Barra	Metalurgia Básica (7,0%); Máq.Equipamentos (6,5%); Produtos Químicos (6,5%); Produtos Alimentícios (79,5%)
S.J.Bela Vista	Produtos Alimentícios (100%)

**Fonte: FIESP, Elaboração dos autores. \*IT: Indústria de transformação**

Em relação ao mercado de trabalho, notadamente no que diz respeito aos empregos formais, procuramos de início, verificar a distribuição dos empregos formais entre os macrossetores da agricultura, da indústria, do comércio e dos serviços nos anos de 1991 e 2014. Na agricultura, no comparativo de 2014, com o ano de 1991, a exceção de Batatais, nos demais

municípios da região registrou-se aumento da participação dos empregos formais como porcentagem do total de empregos. Do mesmo modo, exceto o município de Ribeirão Corrente, nos demais, constatou-se também expansão da participação dos empregos no comércio.

**Tabela 11: RA de Franca, estoque recuperado de empregos na indústria de transformação e variação absoluta – 2006 e 2014**

Subsetores da Indústria	Participação no VA da indústria*		Variação Absoluta 2014/2006
	2006	2014	
Prod.Alimentícios	15.363	17.607	2.244
Couros e Calçados	25.524	25.060	(464)
Combustíveis	433	5	(428)
Prod.Químicos	944	2.039	1.095
Máquinas Equipam.	1.930	2.540	610
Máq.Apar.Mater.Elétr.	679	969	290
Produtos Textéis	478	495	17
Art.Vestuário e Acess.	1.368	2.054	686
Produtos de Madeira	342	348	6
Fabr.Celulose, Papel e Produtos de Papel	265	339	74
Edição, Impressão e Reprodução	617	638	21
Art.Borracha	3.027	2.121	(906)
Minerais Ñ Metal.	379	571	192
Metalurgia Básica	2.245	2.441	196
Prod.Metal exec. Máq.	2.194	2.051	(143)
Fabr.Mov.Ind.Div.	977	1.324	347
Total	56.765	60.602	3.837

Fonte: Caged/MTE , Elaboração dos autores.

Já na indústria, entre variações mais e menos pronunciadas, constatou-se em treze, ou seja, mais da metade dos municípios, redução da participação dos empregos formais, enquanto nos dez demais municípios, houve aumento. Em relação ao setor de serviços, em quase 80% dos municípios, assinalou-se diminuição da participação dos empregos, contudo, em Franca, Igarapava, Ituverava e, em Sales Oliveira, ocorreu expansão.

Convém assinalar, que a redução da participação dos empregos formais da indústria, vis-a-vis à expansão dos empregos no setor terciário (comercio e serviços), reflete o fenômeno de terceirização da economia brasileira iniciado na década de 1990.

Na sequência, examinamos o mercado de trabalho, a partir do estoque recuperado de empregos em dezesseis subsectores da indústria de transformação da RA de Franca e,

posteriormente, a quantidade de empregos ocupados na indústria em cada município.

Analogamente ao coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal, os empregos na região estavam concentrados nas indústrias de produtos alimentícios e de couros e calçados, pois ambas respondiam em 2006, por 72% e, em 2014, por 70% do estoque total de empregos na indústria de transformação.

Os subsectores da indústria que mais geram empregos na RA em tela, foram produtos alimentícios, produtos químicos, artigos de vestuário e acessórios e máquinas e equipamentos. Em sentido oposto, os segmentos de couros e calçados, combustíveis, artigos de borracha e produtos de metal (exceto máquinas) produziram juntos um saldo negativo de 1.941 empregos.

**Tabela 12: Municípios da RA de Franca, empregos ocupados na indústria variação absoluta e percentual: 2006-2014**

Municípios da RA de Franca	Empregos Ocupados na Indústria*		Variação Absoluta	Variação Percentual 2014/2006 (%)
	2006	2014		
Aramina	3	10	7	233,3
Batatais	4.896	6.376	1.480	30,2
Buritizal	985	1.106	121	12,3
Cristais Paulista	77	255	178	231,2
Franca	30.575	31.059	484	1,6
Guará	384	421	37	9,6
Igarapava	1.241	1.776	535	43,1
Ipuã	504	486	(18)	(3,5)
Itirapuã	51	124	73	143,1
Ituverava	735	988	253	34,4
Jeriquara		56	-	-
Miguelópolis	34	89	55	161,7
Morro Agudo	940	3.824	2.884	306,8
Nuporanga	1.288	1.539	251	19,5
Orlândia	2.059	2.877	818	39,7
Patroc.Paulista	849	1.902	1.053	124,0
Pedregulho	542	548	6	1,1
Restinga	81	293	212	261,7
Ribeirão				
Corrente	21	58	37	176,2
Rifaina	41	30	(11)	(36,6)
Sales de Oliveira	502	651	149	29,7
S.Joaquim Barra	9.208	6.009	(3.199)	(53,2)
S.J.Bela Vista	12	46	34	283,3
Total	55.028	60.523	5.439	9,9

Fonte: FIESP, elaboração dos autores

**N.F.\* O número de empregos numa determinada data de referencia corresponde ao total de vínculos empregatícios ativos nesta data. O número de empregos (postos de trabalho) é diferente do número de pessoas empregadas, pois um mesmo indivíduo pode estar ocupando mais de um posto de trabalho na data de referência.**

Nos últimos doze anos (2003 a 2015), o estoque total de empregos na RA de Franca aumentou de 132.500 para 173.170, o que equivaleria a uma média anual de 3.389 empregos. No mesmo período, o estoque de empregos na indústria, passou de 50.989, para 58.078, em termos absolutos, houve um acréscimo acumulado de 7.089 empregos, representado um média anual

de 590 empregos. Todavia, os setores de comércio e serviços, registraram expressivo aumento dos empregos, posto que de 49.728 em 2003, atingiram 85.234 empregos em 2015, ou ainda, acumularam no período um saldo de 35.506 empregos com média anual de 2.959 empregos. Em relação ao total de empregos na indústria da região, o ramo de produção de

alimentos aumentou sua participação de 24,6% (2003), para 31,6% (2015), conquanto o de artefatos de couros e calçados, reduziu de 47,9% para 37,3%.

A primeira vista, verifica-se que os empregos ocupados na indústria, encontram-se bem concentrados nos municípios de Batatais, Franca e de São Joaquim da Barra. Entretanto, os mesmo três municípios, que respondiam por 81,2% do total de empregos ocupados na indústria da região em 2006, passaram a somar em 2014, 71,8% do total, fato em boa medida resultante do movimento de queda ocorrido em São Joaquim da Barra.

A diferença (variação absoluta) dos empregos ocupados na indústria em 2014 menos os de 2006, produziram um saldo positivo de 5.439 (8.667 – 3.228), contudo, do total de 8.667 empregos, somente os municípios

de Batatais, Morro Agudo e Patrocínio Paulista, geraram um saldo positivo de 5.417 empregos, respondendo desta maneira por 62,5% do total.

Ademais, é oportuno observar no que trata dos empregos na indústria, que nos municípios menores, como Cristais Paulista, Igarapava, Ituverava, Morro Agudo, Nuporanga e Restinga (a exceção de Orlandia), a geração de empregos superou as cidades maiores, como em Franca e, em São Joaquim da Barra.

Na tabela 13 examinamos a evolução do rendimento médio nominal mensal dos empregos formais.

No ano de 2006, em mais de 60% dos municípios da região (quatorze), rendimento médio mensal dos empregados formais da IT ficou abaixo da média da região, já em 2014, caiu para onze, ou ainda, menos da metade.

Em Franca, município sede da RA, a diferença entre o valor do rendimento médio em relação à média da região, teria aumentado de R\$ 175,23 em 2006, para R\$ 392,10 em 2014.

A massa salarial total da IT da região aumentou de R\$ 49.659.609,47 para R\$ 108.097.443,70 em 2014, enquanto em Franca, a mesma passou de R\$ 22.234.309,06 (2006), para R\$ 34.295.134,00

(2014), contudo, a participação de Franca – em relação à massa salarial total da região – recuou de 44,8% para 40,0%.

A indústria de produtos alimentícios ampliou a sua massa salarial mensal de R\$ 14.188.241,10 em 2006, para R\$ 35.039.533,02 de 2014, aumentando ainda mais a diferença com o segmento de fabricação dos calçados, que dos R\$ 12.967.811,23 alcançou R\$ 24.982.485,47, respectivamente. Este fato, reforça ainda mais o peso que os dois gêneros da IT representam para a economia da região, pois, juntos, produzem mais da metade da massa salarial mensal. No ano de 2006, Batatais, Franca, Orlandia e São Joaquim da Barra produziam o equivalente a 83,6% da massa salarial mensal da IT, já em 2014, incluindo Igarapava, Morro Agudo e Patrocínio Paulista, o percentual teria atingido 89,3%, entretanto, a participação daqueles quatro primeiros municípios, recuou para 75,1%.

Considerando os elevados coeficientes de especialização do valor adicionado fiscal que a atividade de fabricação de calçados representa para a cidade de Franca e, a de produtos alimentícios, para a região, examinamos os empregados ocupados nas mencionadas atividades segundo a escolaridade (Tabela 14).

Em Franca, no ramo de fabricação de calçados, a escolaridade dos empregos ocupados em 2014 em relação ao ano de 2006, configurou o seguinte quadro: a) do 5º ano incompleto ao ensino fundamental completo, a quantidade de empregos ocupados reduziu de 48,9% para 28,6% do total; b) no ensino médio (incompleto e completo), o percentual passou de 47,9% para 67,3%; e c) com educação superior incluindo incompleta e completa, com mestrado e doutorado – a quantidade de empregos de 3,0%, atingiu 4,3%.

No RA, na fabricação de produtos alimentícios, o quadro era diferente, pois: a) 5º ano incompleto ao ensino fundamental completo, a porcentagem de empregos ocupados, caiu de 59,3% para 41,8%, b) no ensino médio, aumentou de 34,6% para 49,4%; e c) com educação superior, aumentou de 6,1% para 8,8%.

**Tabela 13: Municípios da RA de Franca, rendimento médio nominal mensal dos empregados formais da IT (R\$ correntes) – 2006 e 2014**

Municípios	Rendimento Médio Mensal		Var.Percentual Acumulada (%)
	2006 R\$	2014 R\$	
Aramina	742,54	1.091,03	46,93
Batatais	1.113,72	2.283,37	105,02
Buritizal	1.192,91	2.747,56	130,32
Cristais Paulista	682,21	1.289,14	88,97
Franca	727,21	1.393,96	91,69
Guará	1.069,83	2.199,01	105,55
Igarapava	938,86	1.907,35	103,16
Ipuã	898,83	1.770,09	96,93
Itirapuã	549,98	1.190,22	116,41
Ituverava	706,96	1.624,85	129,84
Jeriquara	639,44*	1.349,71	111,08
Miguelópolis	755,97	2.268,98	200,14
Morro Agudo	1.566,83	1.965,10	25,42
Nuporanga	694,30	1.221,13	75,88
Orlândia	1.531,94	2.610,39	70,39
Patroc.Paulista	1.133,55	2.345,67	106,93
Pedregulho	520,89	995,52	91,12
Restinga	673,51	1.474,21	118,88
Ribeirão Corrente	533,61	1.223,33	129,25
Rifaina	441,87	1.844,39	317,40
Sales de Oliveira	1.177,81	1.949,95	65,56
S.Joaquim Barra	1.161,19	2.639,62	127,32
S.J.Bela Vista	554,17	1.326,42	139,35
RA de Franca	902,44	1.786,06	97,91

Fonte: FIESP, Elaboração dos autores

**N.F.** A remuneração média nominal é definida como a média aritmética das remunerações médias mensais individuais nominais de todos os vínculos (de janeiro a dezembro) dividida pela soma das frequências no mesmo período.

\*refere-se ao ano de 2007

Embora, no ramo de fabricação de calçados, do 5º ano incompleto ao ensino fundamental completo, a queda foi mais acentuada, 41,5% em Franca, contra 29,5% na RA, no subsetor de produtos alimentícios, com ensino superior, a porcentagem de empregos ocupados no ramo de produtos alimentícios na região (exceto em Franca), é o dobro do percentual empregado na fabricação de calçados.

Em resumo, o total em porcentagem dos empregos ocupados na fabricação de calçados com ensino fundamental e médio reduziu de 96,8% em 2006, para 95,6% em 2014. Já na RA, no gênero de fabricação de produtos alimentícios, o percentual diminuiu de 93,9% para 91,2%, respectivamente. Assim, apesar das discrepâncias, não encontramos diferenças tão pronunciadas dos empregos ocupados em Franca

**Tabela 14: Empregados ocupados na fabricação de calçados e de produtos alimentícios segundo a escolaridade – 2006 e 2014.**

ESCORALIDADE	FABR.DE CALÇADOS <sup>1</sup>		Produtos Alimentícios <sup>2</sup>	
	2006	2014	2006	2014
5º Ano Incompleto do Ensino Fundamental	253	163	1.806	1.040
5º Ano Completo do Ensino Fundamental	529	306	1.760	916
6º ao 9º Ano Incompleto do Ensino Fundamental	3.528	1.610	2.362	2.286
Ensino Fundamental Completo	5.196	3.240	1.365	1.894
E. Médio Incompleto	3.855	2.574	1.099	1.342
E. Médio Completo	5.461	10.071	3.163	5.920
Ed.Superior Incompleta	256	291	280	399
Ed.Superior Completa	335	527	470	882
Mestrado Completo	1	5	-	7
Doutorado Completo	-	7	1	2
<b>Total</b>	<b>19.414</b>	<b>18.794</b>	<b>12.306</b>	<b>14.688</b>

**FONTE: FIESP, Elaboração dos autores**

**1-refere-se ao município de Franca; 2- refere-se ao total da RA exceto Franca.**

e, na região naquelas duas atividades da IT, segundo o grau de escolaridade.

De acordo com dados da FIESP, constata-se que de 2006 para 2014, em praticamente todos os graus de escolaridade, a diferença do rendimento médio dos empregados na fabricação de produtos alimentícios, em relação ao rendimento dos empregados na fabricação de calçados, aumentou ainda mais.

Os diferenciais de rendimento no ramo de fabricação de calçados frente aos do ramo de fabricação de produtos alimentícios, em alguma medida, poderiam ser explicados pela progressiva redução da participação da IT no PIB do município de Franca, bem como, da sua participação no valor adicionado total da região.

Vale lembrar, que no primeiro caso, a participação da IT no PIB de Franca que teria alcançado 61,1% em 1985, passou a responder por 21,9% em 2010, enquanto no segundo caso, a participação da IT francana no valor adicionado total da indústria da região encolheu de 58,71% em 1985, para 33,68% em 2010.

Todavia, consideramos necessário recorrer a outras informações suscetíveis de nos oferecer argumentos mais esclarecedores (Tabela 16).

O processo de reestruturação produtiva ocorrido na década de 1990, motivado pela abertura comercial e, pelo ajuste pró-estabilização da economia brasileira, produziu efeitos deletérios sobre o ramo de fabricação de calçados, tanto que, empresas tradicionais de grande porte acabaram encerrando suas atividades.

**Tabela 15: Fabricação de calçados e fabr.de prod. alimentícios, rendimento médio dos empregados por escolaridade – 2016 e 2014**

ESCORALIDADE	FABR.DE CALÇADOS <sup>1</sup>		Produtos Alimentícios <sup>2</sup>	
	2006	2014	2006	2014
5º Ano Incompleto do Ensino Fundamental	613,50	1.093,19	824,18	1.357,78
5º Ano Completo do Ensino Fundamental	630,89	1.176,61	976,41	1.824,46
6º ao 9º Ano Incompleto do Ensino Fundamental	644,27	1.263,79	980,14	1.898,09
Ensino Fundamental Completo	643,95	1.202,87	956,11	1.872,49
E. Médio Incompleto	595,42	1.175,67	953,72	1.901,53
E. Médio Completo	696,16	1.352,43	1.118,87	2.242,96
Ed.Superior Incompleta	942,19	1.689,81	1.447,72	2.757,72
Ed.Superior Completa	1.521,51	2.536,40	3.337,09	5.057,24
Mestrado Completo	2.036,28	1.356,11	-	4.789,20
Doutorado Completo		2.031,53	-	5.839,37
Total	667,31	1.328,08	1.082,49	2.202,08

Fonte: FIESP, elaboração dos autores

1-refere-se ao município de Franca; 2-refere-se à RA de Franca

**Tabela 16 Fabricação de calçados e fabr.de prod. alimentícios segundo a quantidade de estabelecimentos por porte – 2014**

Porte dos Estabelecimentos	FABR.DE CALÇADOS <sup>1</sup>	Produtos Alimentícios <sup>2</sup>
Micro	1.239	70
Pequeno	327	26
Médio	25	5
Grande	3	8
Total	1.594	109

Fonte: FIESP, elaboração dos autores

1-refere-se ao município de Franca; 2-refere-se à RA de Franca

Basta lembrar, que a forte apreciação do câmbio, a redução de alíquotas de importação, juros elevados e, pronunciada queda inflação, ampliaram sobremaneira a concorrência da produção nacional com os produtos importados, além do que, reduziu a margem de manobra das empresas nacionais, que foram forçadas a ajustar seus custos de produção. Por seu turno, as exportações de calçados de Franca, atingiram o seu pico em 1993, somando 15,5 milhões de pares e uma receita da ordem de US\$ 256,5 milhões/FOB, contudo, daí em diante, caíram continuamente, chegando em 2015 a 3,1 milhões de pares com um faturamento de R\$ 78,4 milhões/FOB. Assim, a reorganização da indústria

calçadista francana, culminou com o desaparecimento de grandes plantas industriais e, o surgimento em grande escala, de empresas de micro e de pequeno porte.

Em Franca, na atividade de fabricação de calçados, 65% dos empregos localizavam-se nos estabelecimentos de micro e pequeno porte, 25% nos de médio e, 10% nos grande porte.

Já no ramo de fabricação de produtos alimentícios, 7% dos empregos ocupados encontravam-se nos estabelecimentos de micro e de pequeno porte, aproximadamente 8% nos de médio e, 85% concentravam-se naqueles de grande porte.



**Tabela 17 Fabricação de calçados e fabr.de prod.alimentícios, empregos ocupados segundo o porte dos estabelecimentos – 2014**

Porte dos Estabelecimentos	FABR.DE CALÇADOS <sup>1</sup>	Produtos Alimentícios <sup>2</sup>
Micro	3.060	212
Pequeno	9.213	880
Médio	4.644	1.153
Grande	1.894	12.532
Total	18.811	14.777

Fonte: FIESP, elaboração dos autores

1-refere-se ao município de Franca; 2-refere-se à RA de Franca

**Tabela 18 Fabricação de calçados e fabr.de prod.alimentícios, rendimento médio dos empregos segundo o porte dos estabelecimentos (em R\$) – 2014**

Porte dos Estabelecimentos	FABR.DE CALÇADOS <sup>1</sup>	Produtos Alimentícios <sup>2</sup>
Micro	1.121,44	1.084,62
Pequeno	1.289,56	1.536,14
Médio	1.435,51	2.175,82
Grande	1.585,88	2.322,45
Total	1.328,08	2.202,08

Fonte: FIESP, elaboração dos autores

1-refere-se ao município de Franca; 2-refere-se à RA de Franca

Os valores do rendimento médio mensal dos empregado na atividade de fabricação de calçados, frente aos do segmento de fabricação de produtos alimentícios, mostram, que os diferenciais de rendimento aumentam, à medida que o tamanho dos estabelecimentos aumentam. Por sua vez, a massa salarial mensal no ramo de fabricação de calçados nos estabelecimentos de médio e grande porte, em Franca, teriam aumentado de R\$ 3.967.908,72 em 2006, para R\$ 9.670.156,92 em 2014, enquanto na fabricação de produtos alimentícios de R\$ 13.214.934,21 alcançou R\$ 32.270.774,19 respectivamente. Embora a variação percentual da massa salarial entre os dois subsetores em 2014, comparativamente ao ano de 2006, apontasse tênue diferença de 144,19% na fabricação de produtos alimentícios e, de 143,71% na fabricação de calçados em valores absolutos, aumentou de R\$ 9.247.025,49 para R\$ 22.600.617,87.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma década de estagnação da economia brasileira, mesmo diante das deficiências de infraestrutura econômica e, da situação em que se encontravam muitos segmentos da indústria de transformação, foi colocado em curso no país considerável processo de abertura comercial e financeira. O prolongado período em que o câmbio ficou sobrevalorizado provocou queda das exportações, porém, a redução das alíquotas de importação mais o câmbio apreciado, aumentou sobremaneira o volume de produtos importados, resultando esta combinação de déficit externo e acirrada concorrência dos produtos brasileiros com os produtos importados. O efeito da abertura comercial foi, entre outros, induzir os empresários industriais a promoverem pronunciado ajuste estrutural em suas empresas, vale dizer, praticarem um intenso processo de reestruturação produtiva. No município de

Franca/SP, a indústria de calçados, segmento mais representativo da indústria de transformação, também promoveu significativa reestruturação, a qual, por seu turno, baseou-se quase que exclusivamente num mais rigoroso planejamento das necessidades materiais, na realocação de algumas plantas industriais para a região Nordeste do país e, mais intensamente, na transferência – de etapas ou de todo o processo de fabricação – para prestadores de serviços terceirizados. Assim, devido a acentuada queda das exportações e, com a ampliação da terceirização, o emprego informal cresceu de forma imoderada em detrimento da diminuição do emprego formal.

Ainda que, a abertura comercial tivesse exercido impacto inquestionável sobre a indústria calçadista francana, outra ordem de fatores desencadeou o encerramento das atividades das empresas de grande porte no município. Cabe assinalar, que as plantas industriais de grande porte, não só eram dotadas de maior capacidade de produção, como empregavam considerável quantidade de pessoas com remuneração mais alta. Com a desativação das empresas de grande porte, a indústria calçadista francana passou a esboçar um novo formato, o qual, por sua vez, seria basicamente constituído por micro e pequenas empresas.

Como se não fosse o suficiente, a partir da década de 1990, a participação da indústria de transformação no PIB francano, experimentou contínuo movimento de queda, enquanto o setor de serviços expandiu-se progressivamente. Contudo, ainda assim, a indústria de calçados – devido o elevado coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal – constitui a base da indústria de transformação do município de Franca.

Por sua vez, na RA(Franca), nos vinte e três municípios que a integram – a exceção de Franca – o gênero de fabricação de produtos alimentícios, tanto pela magnitude do seu valor em moeda corrente (R\$), como pelo seu elevado percentual do coeficiente de especialização do valor adicionado, já superou com boa vantagem a indústria de calçados. Ocorre que em Franca, o

ramo de produtos alimentícios é pouco expressivo – o coeficiente de especialização do valor adicionado fiscal respondia por 3,7% -, diferentemente dos demais municípios da região, que na média, representava algo em torno de 62,9%. Além disto, ao contrário de Franca, nos vinte e dois municípios da região, a indústria de produtos alimentícios somara 08 estabelecimentos de grande porte, que empregavam 12.532 pessoas (84,8% do total empregado no mesmo ramo), cujo rendimento médio dos empregados alcançara R\$ 2.322,45 em 2014. Em síntese, a reestruturação produtiva praticada pela indústria de calçados de Franca, combinada com a desativação das empresas de grande porte daquele mesmo ramo, em alguma medida, ainda refletem – levando em conta a expansão da indústria de produtos alimentícios na região – a diferença no rendimento médio nominal das pessoas empregadas na indústria calçadista de Franca, comparativamente ao rendimento das pessoas ocupadas na indústria de produtos alimentícios nos municípios da região.

## REFERÊNCIAS

- BONELLI, Regis; GONÇALVES, Robso R. Para onde vai a estrutura industrial brasileira? Rio de Janeiro: IPEA, TD 540, jun/1998.
- CAGED/TEM: Cadastro Geral de Empregados e Desempregados/Ministério do Trabalho e do Emprego.
- CARDOSO JR, José Celso. Geração e apropriação de valor adicionado na economia brasileira: um estudo dinâmica distributiva no período 1990/96. Rio de Janeiro: IPEA, TD 733, 2000.
- FIESP: Federação das indústrias de São Paulo/ Atlas da Competividade da Indústria.
- HADDAD, Paulo Roberto. Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise. Fortaleza, BNB. ETENE, 1989. (Estudos Econômicos e Sociais).
- IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – Produção Física Industrial Mensal.
- IPEADATA: Instituto de Pesquisas Econômicas

Aplicada/Banco de Dados.

RAIS/MET: Relatório Anual de Informações Sociais – Ministério do Trabalho e do Emprego.

SEADE: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos/Governo do Est.de São Paulo.

SILVESTRIN, Luisiane Evelise; TRICHES, Divanildo. A análise do setor calçadista brasileiro e os reflexos das importações chinesas no período de 1994 a 2004. Rio de Janeiro: Econômica, V.10, n.1, p.145-170, junho 2008.

SINDIFRANCA: Sindicato da Indústria de Calçados de Franca – Relatório Mensal/ NICC, janeiro de 2012.

SUZIGAN, Wilson. A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial. Campinas, SP: Economia e Sociedade, IE/Unicamp, 1992.